

**DISCURSO DE POSSE
DO ACADÊMICO
MARCO MACIEL**

E

**DISCURSO DE RECEPÇÃO
DO ACADÊMICO
MARCOS VILAÇA**



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
2004

DISCURSO DE POSSE
DO ACADÊMICO
MARCO MACIEL

E

DISCURSO DE RECEPÇÃO
DO ACADÊMICO
MARCOS VILAÇA



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
2004





Roberto Marinho

Cadeira 39

Academia Brasileira de Letras

Patrono

F. A. de Varnhagen (1816-1878)

Fundador

Oliveira Lima (1867-1928)

Sucessores

Alberto de Faria (1865-1931)

Rocha Pombo (1857-1933)

Rodolfo Garcia (1873-1949)

Elmano Cardim (1891-1979)

Otto Lara Resende (1922-1992)

Roberto Marinho (1904-2003)

Ocupante

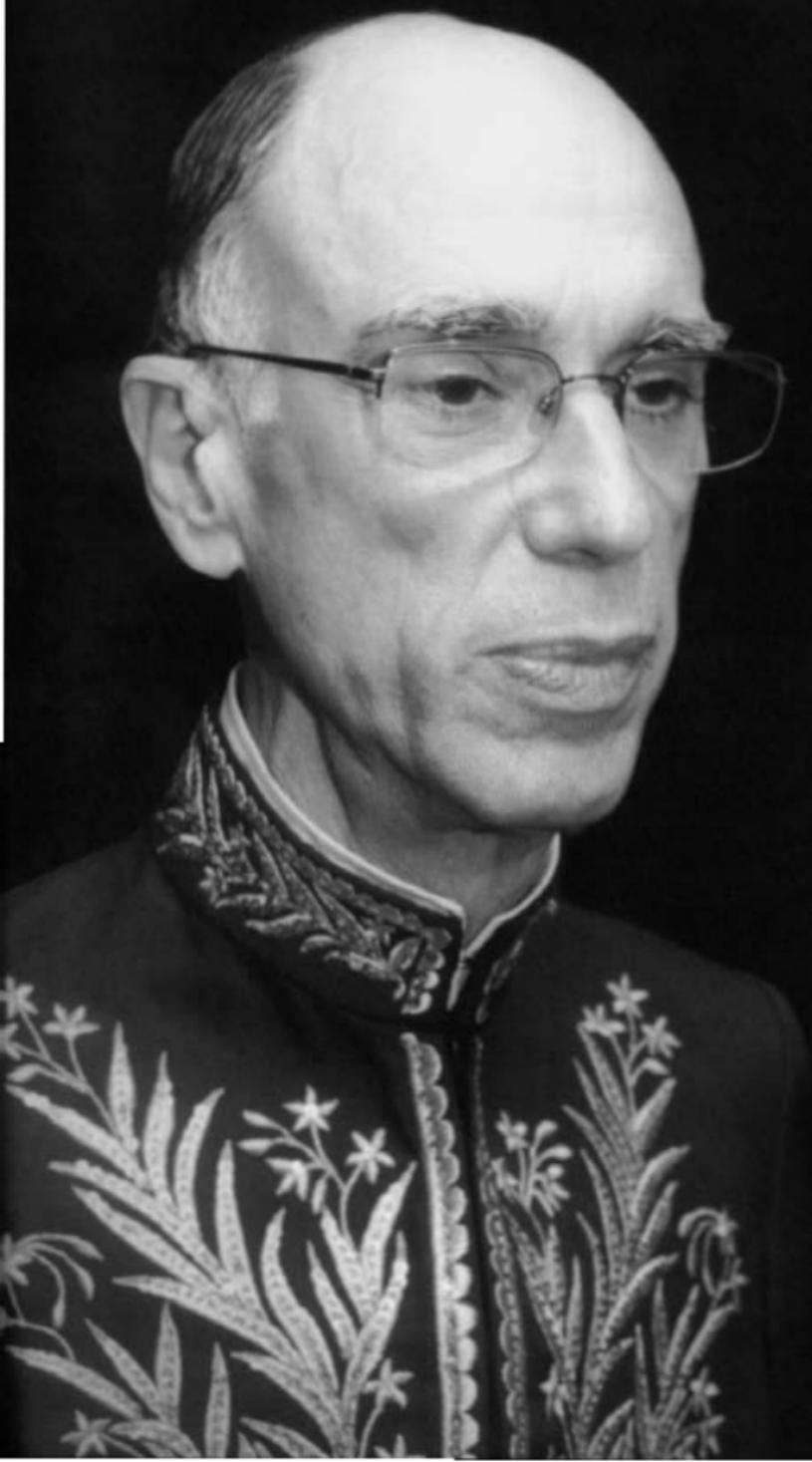
Marco Maciel

Eleito em 18.12.2003 e recebido em 3.5.2004

Marco Maciel tomou posse no dia 3 de maio de 2004, passando a ocupar a cadeira 39, que pertenceu a Roberto Marinho, falecido em 6 de agosto de 2003. Na cerimônia, no salão nobre do Petit Trianon, Marco Maciel foi recebido pelo acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

Advogado e professor de Direito Internacional na Universidade Católica de Pernambuco, Marco Maciel foi vice-presidente da República, por duas vezes; presidente da Câmara dos Deputados; ministro da Educação; ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República; deputado estadual; deputado federal, também por duas vezes; governador de Pernambuco; e atualmente exerce seu terceiro mandato de senador.

Membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Ciências Políticas, Marco Maciel tem quatro livros publicados, além de plaquetes com discursos e palestras versando especialmente sobre educação, cultura e questões institucionais.



Discurso de posse do
acadêmico Marco Maciel

Na imortal peça *Diálogo das Carmelitas*, o sempre lembrado escritor francês George Bernanos – tão ligado ao Brasil pelo tempo em que viveu no interior de Minas Gerais, durante a ocupação de seu país pelas tropas alemãs – fez a superiora do Convento dizer estas sábias palavras: “*o que chamamos acaso talvez seja a lógica de Deus*”.

Não tenho a pretensão de chegar ao extremo de considerar como intervenção divina o fato de haver sido pernambucano o primeiro ocupante da cadeira que tem como patrono o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen. Nem tampouco igualmente ousou comparar-me ao também insigne historiador Manoel de Oliveira Lima. Nanja!

Impensável, todavia, negar a existência de um ufanismo pernambucano, que nada possui da retórica romântica desencadeada pelo Conde Afonso Celso em seu livro *Porque me ufano do meu país*, publicado em 1900. Nosso ufanismo é muito mais antigo, surgido no século XVII com a expulsão dos holandeses, numa guerra planejada e realizada inteiramente à revelia da coroa portuguesa, disposta a negociar o Nordeste brasileiro. Um dos livros básicos sobre o assunto – o do monge beneditino e meu ilustre conterrâneo Domingos do Loreto Couto – intitula-se significativamente *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*. Por isso, ao prefaciá-lo de Gilberto Freyre *Região e Tradição*, editado na década de quarenta, o saudoso romancista José Lins do Rego escreveu que o povo pernambucano foi “*capaz de expulsar os holandeses e fazer o carnaval mais alegre do mundo*”.

No século XIX, os pernambucanos voltaram a lutar contra a opressão, dessa vez exercida pela própria metrópole, em duas “*revoluções libertárias*”, como as

chamou o poeta Manuel Bandeira no poema *Evocação do Recife*. A guerra dos mascates, uma guerra de "afirmação nacionalista", como observou Mário Melo – e as revoluções de 1817 e 1824 também suscitaram uma obra clássica de nossa historiografia: *Os Mártires pernambucanos*, do Padre Joaquim Dias Martins, somente publicada em 1854, mas escrita vários anos antes. Saliente-se, por oportuno, a insuspeição do autor, que era português. Temos, portanto, ali e acolá, razões de sobra para nos orgulhar de nossa pernambucanidade, palavra inventada pelo mestre Gilberto Freyre para caracterizar o nativismo de Pernambuco, tão precisamente interpretado por Oliveira Lima.

Oliveira Lima tinha apenas vinte e sete anos de idade e estava no início da carreira diplomática, quando publicou a primeira obra *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*, justamente a respeito de sua amada província. Alguns autores se envergonham dos primeiros livros, por eles considerados "pecados da mocidade". Não foi esse o caso de Oliveira Lima, em cujo livro de estréia já se revela o eminente e atilado pesquisador, que ultrapassou o mestre Varnhagen na apreciação crítica de nossa literatura colonial e em outros estudos literários – um deles sobre Machado de Assis –, na síntese de nossa formação histórica, na interpretação da cultura das nações em que serviu como diplomata – no Japão, nos Estados Unidos da América do Norte e na Argentina –, e, especialmente, na monumental biografia *D. João VI no Brasil*. Como historiador, evitou a retórica dos antecessores, apresentando Pernambuco tanto no contexto brasileiro como no cenário internacional.

Tradição e criação

Senhor Presidente,

Ao cumprir o rito de entrada, passo a desfrutar da honra de sentar-me entre vós. Esta Casa desde seu nascimento mantém-se fiel aos elevados propósitos de guardar *"a cultura da língua e da literatura nacional"*, conservar a tradição sem abandonar-se à rotina, viver imersa na história das transformações que se operam no Brasil e no mundo.

Expresso, por essas razões, a gratidão, testemunho pleno de minha consciência e cálido sentimento de meu coração, pela generosa acolhida que me dispensastes, estimados acadêmicos, ao incorporar-me, de maneira tão desvanecedora, ao vosso convívio.

Exercitar esta comunhão, plenitude da vida, *"é - como profetizava o poeta João Cabral - ir entre o que vive"*, transformar coexistência em convivência, prática aliás aqui observada desde seus albores, entre aqueles que laboram nos mais variados territórios dos gêneros literários, inclusivamente, se não estou sendo heresiarca, o discurso parlamentar como manifestação cultural que em muitos casos realiza a interseção entre a forma literária e o conteúdo político.

Talvez este tenha sido o motivo de haver Joaquim Nabuco afirmado *"nós não podemos matar no literato, no artista, o patriota, porque sem a pátria, sem a nação, não há escritor e com ela há forçosamente o político"*, advertindo, porém, o autor de *Um Estadista do Império*, *"para a política pertencer à literatura e entrar na Academia é preciso que ela não seja o seu próprio objetivo; que*

desapareça na criação que produziu, como o mercúrio nos amálgamas de ouro e prata”.

Espaço da palavra, aqui se exercita no perpassar de sua densa história a artesanaria da liberdade, através da qual se busca entre o que nos separa aquilo que nos pode unir, porque se queremos viver juntos na divergência, que é princípio vital da democracia, estamos condenados ao entendimento, sob pena de transformar idéias antagônicas em soluções agônicas.

Apreciar a firmeza das convicções, mesmo quando não são as nossas convicções, pressupõe acreditar no poder das idéias que, antes de ser um empecilho, devem concorrer para melhorar o convívio humano.

É o que diz Norberto Bobbio, no prefácio de *Italia Civile*: *“Aprendi a respeitar as idéias alheias, a deter-me diante do segredo de cada consciência, a compreender antes de discutir, a discutir antes de condenar”.*

Como acontece nas Casas homólogas, nesta Academia a sucessão é ideográfica: não se estabelece vinculação entre patrono, antecessor e sucessor por gênero literário ou qualquer outro liame, seja por profissão, seja por pertencer a qualquer estado de nossa Federação. Não existe, a qualquer título, cadeira cativa. João Neves da Fontoura, ao receber Aníbal Freire, frisou que a ABL *“sempre se recusou a fazer distinções ou estabelecer categorias de dogma, que Renan denominou de ‘unidade da glória’*. Prossigo citando João Neves da Fontoura: *“Como disse o maravilhoso estilista d’“A Vida de Jesus”*: *“Vós considerais que o poeta, o orador, o filósofo, o sábio, o político, o homem que representa, em sua plenitude, a civilidade de uma nação, aquele que ostenta dignamente um desses nomes que são sinônimos de honra e de pátria, todos esses são confrades a trabalhar para uma obra comum...”*

Constata-se, entretanto, com relação à cadeira 39, algo que parece ser a exceção que confirma a regra. Desde seu primeiro provimento, a cadeira ostenta uma característica comum, a de haver, a partir do patrono Varnhagen, sido eleitos renomados historiadores, Oliveira Lima, Alberto de Faria, Rocha Pombo e Rodolfo Garcia, ou por acatados jornalistas, Elmano Cardim, Otto Lara Resende e Roberto Marinho.

Coube-me a dupla graça de ocupar a cadeira cujo

fundador é o meu conterrâneo Oliveira Lima e o último ocupante o ilustre jornalista Roberto Marinho.

Espaço da palavra, aqui se exercita no perpassar de sua densa história a artesanaria da liberdade, através da qual se busca entre o que nos separa aquilo que nos pode unir, porque se queremos viver juntos na divergência, que é princípio vital da democracia, estamos condenados ao entendimento, sob pena de transformar idéias antagônicas em soluções agônicas.

Atribuo tão imerecido regalo à mão do Criador, para quem, já se disse "nada é coincidência, tudo é providência".

Conquanto não tenha sido o primeiro a escrever sobre o Brasil — antes já o haviam feito, entre outros, Frei Vi-

cente de Salvador, Southey, Pêro Gândavo —, ninguém pode negar a Francisco Varnhagen, Barão e Visconde de Porto Seguro, ter imprimido caráter à cadeira 39 com o título de "pai da historiografia brasileira", que lhe foi conferido por João Francisco Lisboa.

Partiu de Oliveira Lima a acertada indicação do nome de Varnhagen para padroeiro. O autor da *História*

Geral do Brasil, de fato, foi, como afirma o proponente: "sem contestação o criador da história da pátria, se não em sínteses luminosas, pelo menos na comprovação essencial; é tão-somente com respeito que devemos encarar essa figura saliente da nossa literatura, posto sejamos forçados pela justiça a salpicar das reservas indispensáveis em todo estudo a nossa legítima admiração perante ela".

E prossegue: *"O fato é que os fastos literários se não ufanam entre nós de um historiador parecido com qualquer dos espíritos superiores de cujos nomes fiz menção. Francisco Adolfo de Varnhagen foi por certo o mais notório e o mais merecedor dos estudiosos do passado brasileiro: foi um ardente investigador, um infatigável ressuscitador de crônicas esquecidas nas bibliotecas e de documentos soterrados nos arquivos, um valioso corretor de falsidades e ilustrado colecionador de fatos".*

Francisco Adolfo de Varnhagen, de origem germânica e educação portuguesa, nasceu em São Paulo; serviu como tenente de Artilharia no Exército de Portugal; e talvez por estar em sintonia com seus homólogos brasileiros, que consideram a arma como fogos profundos, largos e poderosos, sua obra caracterizou-se pelo poder de seu pensamento, pela profundidade de sua pesquisa e pela larga riqueza documental.

Seu sentimento de nacionalidade se manifesta inclusive nos trabalhos que exitosamente realizou para descobrir, em Portugal, o túmulo de Pedro Álvares Cabral no Convento da Graça, em Santarém.

Diplomata, soube conciliar o exercício das missões no exterior, como o fez em Portugal e Inglaterra, com o ofício de historiador para aprofundar pesquisas e estudos do nosso passado em sua devoção pelo Brasil.

Aliás, com isso, Varnhagen objetivava, consoante suas palavras, transcritas no discurso de posse de Oliveira Lima nesta Casa: *"formar e melhorar o espírito público nacional e foi sem tergiversações que desempenhou este papel de moralista, na acepção mais elevada da palavra, a saber, do historiador que faz servir a história de ensinamento para os seus contemporâneos, porque, como Varnhagen disse algures, 'o presente não é mais do que a repetição do passado'"*.

A *"qualité maitresse"* da cadeira se mantém em seu fundador, Oliveira Lima, acatado historiador, diplomata, professor, crítico literário, bibliófilo e jornalista, a quem já tive ensejo de referir-me.

Ao escrever *No Japão*, ao tempo que se encontrava em Tóquio, em fins do século XIX, com a missão de instalar a legação brasileira naquele país, Oliveira Lima demonstra uma atilada percepção a respeito do papel que a nação japonesa iria ocupar no mundo.

Colaborou com jornais de Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo; e no campo político, foi republicano durante a Monarquia e monarquista após a proclamação da República, por divergir dos rumos que tomara o Movimento de 1889. Poder-se-ia classificar Oliveira Lima como dotado de *"uma índole de controvérsia"*, como se autodefiniu o acadêmico Assis Chateaubriand.

Sua obra mais importante é indubitavelmente a biografia *Dom João VI no Brasil*, por traçar-lhe um retrato fiel e um quadro preciso do Brasil do seu breve reinado.

Desiludido com a carreira diplomática, aposentou-se e foi morar nos Estados Unidos. Lá passou os últimos anos de sua vida, lecionou, legou sua biblioteca, acervo estimado em 40 mil volumes e outras artes, para a Universidade Católica da América, com sede em

Washington. Em lápide de granito pernambucano, está inscrito o seu lacônico epitáfio: "*Aqui jaz um amigo dos livros*".

Com a eleição de Alberto de Faria, a cadeira 39 segue ocupada por historiador.

Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo, exerceu a profissão e foi também jornalista, produzindo artigos de natureza política inclusive, valendo destacar textos relativos ao candidato Arthur Bernardes à Presidência da República.

Sua principal obra, talvez por haver sido empresário, foi a biografia de Irineu Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá, publicada em 1926.

Ao ingressar na Academia, expôs a sua satisfação em resgatar a memória de Mauá. "*Coube-me – expressou em seu discurso de posse – a fortuna de poder reunir papéis que se perdiam, documentos que se consumiam, de reavivar tradições que iam desbotando, a tempo de fixar as linhas desse vulto extraordinário em estudo que eu mesmo espero completar e que outros hão de embelezar*". Recebido por Hélio Lobo, dele mereceu, sem ser encomiástico, o seguinte elogio à obra: "*Em Mauá vistes bem o caráter e a ação, aquele direito em seu rumo, está obrando prodígios para época tão novaça. Mais adiante vem salientar o comovedor procedimento que Mauá teve ao ensejo de sua concordata: Não conheço, na trama esplêndida, coisa mais bela do que a entrega de bens pessoais à concordata, numa renúncia total para salvação do que lhe importava acima de tudo, a honra*".

Além do trabalho sobre Mauá, Alberto de Faria publicou *Política Fluminense* e *A questão do Banco Hipotecário do Brasil*, havendo pronunciado nesta Academia, a respeito de Rio Branco, palestra ainda hoje muito

apreciada. No governo de Washington Luís, foi designado para o cargo de Embaixador do Brasil em Tóquio, não chegando contudo a assumi-lo.

José Francisco da Rocha Pombo, paranaense de Morretes, é autor da *História do Brasil*, sua obra mais importante. No Colégio Nóbrega do Recife, dirigido por jesuítas, onde estudei, era o livro freqüentemente citado.

Rocha Pombo, nome pelo qual se tornou conhecido, exerceu atividades no magistério, no jornalismo e na política, nesta como deputado provincial (correspondente hoje a estadual), pelo estado de seu nascimento.

Polígrafo, é autor de *História do Paraná*, *História de São Paulo* e *História do Rio Grande do Norte*. Escreveu *Nossa Pátria*, várias vezes reeditada, o *Dicionário de Sinônimos* e contos; além de um romance ou, para alguns críticos literários, novela, intitulada *No Hospício*, na vertente do simbolismo.

Iniciou o movimento para instalação da Universidade Federal do Paraná nos fins do século XIX, que somente se tornou realidade com a República.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras em março de 1933, antes de empossar-se faleceu no Rio de Janeiro e ora lhe presto a devida reverência da saudade.

Nascido em Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte, Rodolfo Garcia foi escolhido para a cadeira 39 em 1934, após o desaparecimento de Rocha Pombo.

Diplomou-se bacharel pela tradicional Faculdade de Direito do Recife, projetando-se como historiador, jornalista, professor e filólogo.

Hostilizado por Dantas Barreto, por críticas no *Diário de Pernambuco* ao seu governo, sob o pseudônimo de *Sargento da Guarda*, Rodolfo Garcia transferiu-se na

segunda década do século XX para o Rio de Janeiro. Amigo de Capistrano de Abreu, com quem trabalhou na tarefa de anotar a 3ª edição da *História Geral do Brasil*, de Varnhagen, completou com denodo e esmero as *Efemérides Brasileiras*, de Rio Branco, então inconclusas.

Entre as suas principais obras, salientaria o *Dicionário de Brasileirismos*. Na introdução do trabalho, o autor opina lucidamente: "*De importância incomparavelmente menor para a evolução glotológica do português no Brasil foi o contingente prestado pelos idiomas africanos para aqui transportados com os escravos pelo tráfico negreiro. Ainda assim, a raça infeliz que foi o principal fator do nosso progresso econômico, até além de meados do século passado, contribuiu para a linguagem brasileira com um vasto acervo de vozes designativas de utensílios do serviço agrário, mineiro e doméstico, de várias espécies de iguarias, de plantas e animais, em uso constante na elocução familiar, chegando mesmo algumas a transpor os lindes da rusticidade para que se incorporem ao léxico literário*". Ao analisá-la, no discurso de posse na Academia, Elmano Cardim diz ser "*um excelente esboço que revela a influência da explicação geográfica, tão em voga na época de sua formação mental e mostra, ainda, a decisiva autoridade de Varnhagen, o primeiro a frisar a necessidade do estudo das línguas indígenas*".

Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Diretor do Museu Histórico Nacional e da Biblioteca Nacional, apelidada, à época, de *Academia garciana*, em virtude das reuniões que informalmente promovia, para discussão de assuntos culturais.

Publicou inúmeros trabalhos, além dos referidos, tais como *Nomes de aves em língua tupi*, *Notas a um dicionário-corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco*, juntamente com Aprígio Garcia, seu irmão, e artigos em revistas sobre assuntos de sua especialidade.

Como notara Levi Carneiro, a eleição de Elmano Cardim interrompe a seqüência de historiadores na cadeira 39. Na sua oração de posse, o novo acadêmico, um jornalista, pontua que *"o fiat da história está contida no subsídio cotidiano do jornal. O fato, alimento diário da imprensa, constitui, depurado das suas emoções a substância da História. Encadeado na seqüência de suas relações, fixa-se nas cores prismáticas que marcam a tonalidade de um momento na transição do efêmero para o duradouro. Quando o historiador o encontra assim estratificado pelo tempo, tem ao seu dispor a matéria-prima para a interpretação de uma época ou para a determinação de um ciclo da evolução da humanidade"*.

Levi Carneiro, em seu discurso de saudação ao recebê-lo, discrepa desse entendimento: *"Em certo sentido, a imprensa e a história parecem-me quase antagônicas, de sentido e objetivos diversos"*. E acrescenta ser o jornalista *"antes, um protagonista, um personagem da história, participando dos episódios, influenciando neles"*.

É de ressaír que, além de jornalista, o seu novo ocupante agrega à memorialística pátria expressivas contribuições, como *Vidas Gloriosas, Graça Aranha e o Modernismo no Brasil, Joaquim Nabuco, Homem de Imprensa, Na Pauta da História, A Vida Jornalística de Rui Barbosa e Justiniano José da Rocha*, originada de conferência feita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em comemoração ao centenário de morte do periodista e homem público do Segundo Reinado. Para Elmano Cardim *"Justiniano José da Rocha teve, no período em que escreveu os seus jornais, uma indiscutível influência nos acontecimentos políticos que se desenrolaram no país. Com sua inteligência e sua cultura, servindo à causa de um partido, muito contribuiu para que na consciência nacional se consolidassem os princípios e postulados que haviam de assegurar à democracia brasileira uma continuidade que não*

sofreu com a mudança do regime em 1889, nem se alterou com as crises tantas vezes surgidas depois da vida republicana”.

Natural de Valença, município do Rio de Janeiro, Cardim era advogado, tendo desempenhado cargos públicos no Arquivo Nacional e participado do *staff* de seis ministros de Estado de diferentes governos e do gabinete do Presidente Café Filho.

Reconhecido como figura de bom trato, a Elmano Cardim, segundo Abgar Renault, se encaixaria com perfeição o brocardo português: *“Homem de uma só palavra, homem de um só parecer, antes de quebrar que de torcer”.*

Otto Lara Resende, mineiro de São João del Rei, berço também do Presidente Tancredo Neves, nasceu, como se diz no dialeto da engenharia genética, com a profissão de jornalista em seu *dna*. Seu pai, professor de português e autor de uma gramática da língua portuguesa, era jornalista e fundou *A Tribuna* em sua terra.

Jornalista a partir dos dezesseis anos, Otto lembra o Cardeal de Retz: *“há coisas impossíveis que só certos homens conseguem fazer; um jornal tem de ser obra deste gênero de homens – o animador, capaz de recrutar, congregar e motivar uma equipe de profissionais reunidos em torno de alguma coisa mais alta do que as mesquinhas vaidades e bem para lá das paupérrimas ambições materiais. O jornal tem alma; tem uma dimensão moral e cultural, por mais escondida que esteja na liça braçal de todo dia. ‘O jornal é um ser vivo. Age e reage como um ser vivo’ – escrevia Edgar (da Mata Machado), no ‘O Diário de Belo Horizonte’, há quase indelévelis quarenta anos”.*

Formou-se em Direito e desempenhou funções públicas no Brasil e no exterior como adido cultural em Portugal e na Bélgica.

Seu talento de escritor se revela no romance *O Braço*

Direito, na novela *A testemunha silenciosa* e, de modo especial, no conto, com os livros *O Lado Humano*, *Boca do Inferno*, *A Cilada*, *As Pompas do Mundo* entre outros e, no campo da memória, *O Príncipe e o Sabiá* e outros perfis.

Iniciou-se no jornalismo através de Hélio Pelegrino. *Genial frasista*, mercê da riqueza estilística, juntamente com os amigos Pelegrino, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, todos das Alterosas, que integrou "os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse" – como se auto-designavam.

No Rio de Janeiro, trabalhou em importantes jornais (*Jornal do Brasil* e *O Globo*) e revistas (*Manchete* e *Fatos e Fotos*), fez jornalismo político e seus artigos, muitas vezes caústicos, versavam sobre temas da atualidade.

Para Machado de Assis, as circunstâncias são também fadas madrinhas. Com efeito, elas ajudam a tecer o acaso com invisíveis sinais que permitem descobrir um *continuum*, isto é, uma linha comum, que exibe ao longo do tempo uma identidade entre Varnhagen e os sucessivos titulares da cadeira 39. Malgrado as acentuadas diferenças entre as duas profissões, é cediço apontar uma certa simbiose entre historiadores e jornalistas, pois se parecem no registro dos fatos e na interpretação dos acontecimentos. O jornalista – aceitei a heterodoxia – em alguns casos seria o historiador com o verbo no tempo presente.

No caso desta cadeira, – acode-me ainda o fato de os jornalistas Elmano Cardim, retratando a figura de Justiniano José da Rocha; Otto Lara Resende, com *O Príncipe e o Sabiá*, e finalmente Roberto Marinho em *Uma Trajetória Liberal*, haverem feito incursões no terreno das memórias.

E, como dilucidou André Maurois, toda biografia toca à história, pela reconstituição do momento em que se situa a vida da figura evocada.

O homem público

Senhor Presidente,

"O ato de escrever – afirmou com propriedade Adonias Filho – é o mais público de todos os atos".

Isso me leva a destacar, na linhagem da cadeira em que me invisto, outra ainda mais saliente característica comum. Pairando acima da formação intelectual dos seus ocupantes, desvela-se uma estirpe de homens públicos, porque todos atentos à *res publica, res populi*. Cícero, o romano, em obra seminal sobre o assunto (*De Republica I, 25*), foi o primeiro a conceituar o sentido de *res publica*, ao estabelecer que há de considerar-se povo *"não como toda reunião de pessoas, de qualquer forma congregadas, mas um consórcio sob a égide do Direito, pelos interesses comuns almeçados pelas sociedades"*. Nicola Matteucci, no *Dicionário de Política*, comenta: *"é uma palavra nova para exprimir um conceito que corresponde, na cultura grega, a uma das muitas acepções do termo politéia, acepção que se afasta totalmente da antiga e tradicional tipologia das formas de governo. Com efeito, 'res publica' quer pôr em relevo a coisa pública, a coisa do povo, o bem comum, a comunidade, enquanto que, quem fala de monarquia, aristocracia, democracia, realça o princípio de governo"*. Cracia, isto é, poder, autoridade.

Na semântica dos nossos tempos, esta palavra encontrou atualidade em Rui, ao dizer: *"A Pátria não é ninguém, são todos; cada qual tem no seu seio os mesmos direitos à idéia, à palavra, à associação"*. República é assim a cidadania, a coisa do povo, o bem comum.

Inspirado num *humanismo integral*, o tomismo de Jacques Maritain agrega ao tema uma valiosa contribuição

ao inocular no tecido da cidadania o conceito de valor, conferindo-lhe um conteúdo ético pela defesa da liberdade de consciência, sem desbordar no relativismo, e garantia da dignidade de toda pessoa humana.

É com essa concepção que se pode definir a política como ciência, virtude e arte do bem comum.

Tudo assim concorre, na minha opinião, para conferir, na estadística moderna, enquanto ciência de Estado, a condição de *homem público* a todos quantos, mesmo não havendo exercido função pública ou disputado mandato eletivo, se tenham empenhado no *serviço do bem comum*.

A vida pública, antes de ser uma profissão, é e deve ser uma atitude de vida a exigir não o diletantismo, mas, como propunha Nabuco, "*o interesse vivo e palpitante no destino e na condição alheia*".

Em abono desse entendimento, recorde palestra de cunho autobiográfico de Affonso Arinos de Melo Franco, na Universidade de Brasília: "*O homem público não é apenas (o grifo é nosso) o que participa da vida pública no sentido de atividade política. O homem público é o que exerce funções ligadas à coletividade, o que inclui o professor, o escritor, todas as formas de submissão da personalidade a um estilo coletivo*".

Sem estar contaminado, imagino, pela "*doença da admiração*" que, segundo o historiador Thomas Macaulay, afeta os memorialistas ao biografar vultos, desejo, sem a pretensão de ineditismo ou de originalidade, destacar alguns aspectos essenciais da estuante vida de meu ilustre predecessor, Dr. Roberto Marinho.

Coerente com a observação anterior, insisto em vê-lo como um homem público inserido na gassetiana moldura das circunstâncias de nossos atribulados tempos.

Enfim, um cidadão republicano que vive o século em parceria com o Brasil.

Teve no pai, e dentro da própria casa, o melhor dos paradigmas – na síntese lapidar de Josué Montello ao recebê-lo na Academia.

Irineu Marinho fundou em 1911 o jornal *A Noite*, que tinha sede no Largo da Carioca, de cujo Conselho Diretor se retira em 1924. Ano seguinte, lança, em duas edições diárias, o também vespertino *O Globo* – nome, ressalte-se, escolhido pelos cariocas no concurso “*o batismo da simpatia popular*”. Seu pai falece vinte e quatro dias após o início da circulação do jornal.

Roberto Marinho, revelando precoce maturidade, ao invés de assumir as funções de Diretor como filho mais velho, conforme apelo de sua mãe, prefere elevar à chefia do jornal o Secretário de Redação Eurycles de Matos, que permaneceu no cargo cerca de cinco anos. Quando este faleceu, diz Franklin de Oliveira: “*Roberto Marinho já tinha o domínio completo do fazer jornalístico. Chegava à redação às 4 horas da manhã e só a deixava à noite. Conhecia profundamente todos os segredos da profissão – do editorial ao flagrante de rua, da grande reportagem à notícia mais singela – além de dominar, com seu senso estético, a produção gráfica do jornal, da diagramação à tipografia*”.

A palavra *experiência* possui em latim a mesma raiz etimológica de perigo e de prova (por extensão), como explicam os autorizados Ernout-Meillet, em seu *Dicionário etimológico da língua latina*. Desde muito cedo, pois, Roberto Marinho enfrentara riscos e desafiara incertezas e assim acumulara uma boa porção do saber feito, o que muito o ajudou a, *camonianamente*, entender essa estranha máquina que se chama mundo.

Sua conduta parecia inspirar-se na sabedoria de Fernando Pessoa, expressa através de seu heterônimo Ricardo Reis:

*"Para ser grande, sê inteiro, nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo um cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes".*

Dr. Roberto Marinho encarnava as três qualidades designadamente importantes, segundo Max Weber, para definir a personalidade do homem público: "*sentido de responsabilidade*", "*senso de proporção*" e "*paixão*". "*Sentido de responsabilidade*" manifestado ainda jovem no batente do jornal; "*senso de proporção*" por compatibilizar seus projetos com as aspirações nacionais; e, finalmente, "*paixão*", concebida não como atitude interior que Jorge Simmel chamava de "*excitação estéril*", senão como entrega total, integral, à causa que abraça. Paixão foi o que não faltou ao Dr. Roberto Marinho!

Cidadão múltiplo, abrigava várias pessoas em sua personalidade – o jornalista e o escritor, o empreendedor, o amante da cultura e protetor da natureza, o acadêmico e, por mais relevantes que sejam todos esses títulos, o homem público, conquanto jamais haja diretamente desempenhado funções governamentais.

Visão e capacidade de trabalho, coragem e obstinação são qualidades ínsitas no metabolismo dos grandes líderes. Tal como um dodecaedro – figura geométrica de doze faces e que, simbolicamente, exprime uma síntese perfeita –, a tudo isso aliava Roberto Marinho sua excepcional vocação para conceber e executar projetos, simultaneamente e em diferentes áreas, a que se juntava um notável empenho em estabelecer enlaces com todos e cada um.

Possuía o dom – perdoai-me a expressão – *de conglobar*, a um só tempo, atividades e empreendimentos.

Mendès-France, primeiro-ministro da França, cerca de cinco décadas atrás, ponderou lapidarmente que *"governar é escolher"*. Essa regra de ouro pontuava a competência gerencial do Dr. Roberto.

O seu empreendedorismo revela talento na seleção dos projetos e sabedoria na escolha da equipe de auxiliares, recrutando-os segundo critérios de competência e sem indagar vinculação política, credo religioso ou convicção ideológica, mesmo nos períodos mais agudos

de censura à imprensa.

A vida pública, antes de ser uma profissão, é e deve ser uma atitude de vida a exigir não o diletantismo, mas, como propunha Nabuco, "o interesse vivo e palpitante no destino e na condição alheia".

Ademais, delegava funções, mormente nas áreas caracterizadas por especializados conhecimentos técnicos, e abria espaço para o surgir de novos quadros, contribuindo para ampliar e qualificar o mercado de trabalho nesse setor estratégico das

tecnologias do futuro, já incorporadas ao nosso tempo.

É de se observar que, ao longo de sua existência, Roberto Marinho foi um antecipador, ao valer-se dos recursos que o progresso tecnológico ensejava para expandir sua presença na área da comunicação social.

Por exemplo, ainda na década de quarenta do século passado e em plena Segunda Grande Guerra, Roberto Marinho inaugurava uma emissora de rádio, então o mais moderno veículo de difusão.

O mesmo ocorre na segunda metade do século XX:

ingressa na *videoesfera*, obtendo em 1957 concessão para instalar uma emissora de televisão que vai ao ar em 1965, embrião da futura *TV Globo*. A seguir, constitui uma rede nacional e começa a exportar inicialmente produtos para a América Latina.

As *Organizações Globo*, então designadas por já incluem jornal, rádio e televisão, partem para o setor de discos e, através de editoras, lançam livros e revistas especializadas – *Casa, Globo Rural, Galileu, Criativa*, entre outras –, e em 1998, *Época*, dirigida para assuntos de múltiplos interesses.

Novos veículos da mídia *guttenberguiana* passam a ser editados ou incorporados, como *Extra* e *Diário de São Paulo*, ambos de circulação regional; o jornal *Lance* para os desportistas; e o *Valor*, dedicado a assuntos econômicos e negócios, em sociedade com a empresa que edita a *Folha de S.Paulo*.

Permanentemente atento às inovações, transpõe o território das tecnologias analógicas para ingressar no mundo digital com a *Globosat*, programadora de TV por assinatura; a *Net Brasil*, multioperadora de TV por assinatura a cabo; *Sky*, TV por assinatura via satélite; e o lançamento do *Globo.com*, portal das *Organizações Globo* na *Internet*, entre vários outros empreendimentos.

É de se recordar que as suas empresas, ao saírem da *grafosfera* para a *videósfera*, ajudaram a integrar o País, até então um arquipélago, no qual não se conseguia falar ao telefone senão com dificuldade e um telegrama demorava dias para chegar ao destinatário. Essa meta levou Dr. Roberto a dizer, no livro *Uma Trajetória Liberal*: “Somos um país de dimensões continentais, distribuído entre regiões distantes e distintas, ainda que indissoluvelmente

ligadas por uma quase milagrosa unidade nacional. A era eletrônica veio fortalecer e aprofundar essa unidade. Mais ou menos como em toda parte, o rádio e a televisão no Brasil são hoje onipresentes. Constituem um traço de união e contribuem, decisivamente, para a integração nacional". E mais: a qualidade da equipe e dos equipamentos veio a permitir à sociedade brasileira desfrutar de comunicação social de primeiro mundo para todo mundo.

A educação, questão ainda não resolvida no Brasil, o que somente poderá ser vencida geminando governo e sociedade, preencheu igualmente o universo das aspirações cívicas de Dr. Roberto Marinho. Citem-se, a propósito: a *Fundação* que ostenta o seu nome, entidade privada sem fins lucrativos, com o objetivo de atuar na área da educação, patrimônio cultural e meio ambiente; a *Globotec* (Sistema Globo de Tecnologia Educacional Ltda.), que produz vídeos educativos; o *Telecurso 2º Grau* e o *Canal Futura*, este dedicado 24 horas por dia, exclusivamente ao campo da educação. Isto sem adicionar as campanhas voltadas para a criança carente.

Seu interesse pela cultura – quer erudita, quer popular – foi igualmente notável. Situei entre muitos que poderiam ser aqui feridos, um ponto que contribuiu também para melhorar significativamente a nossa imagem no exterior: a dramaturgia. Ninguém desconhece que as novas técnicas de espetáculo e o aparecimento do cinema e da TV foram fundamentais para a renovação da linguagem cênica e dramática. O espetáculo libertou-se do palco e transcendeu a ação linear.

O espaço que a *TV Globo* ofereceu ao autor, diretor, elenco, técnicos, enfim a todos nesse setor, foi fundamental. Processou-se uma revolução na telenovela

brasileira, atingindo padrões de elevada qualidade, tanto de texto, quanto de imagem.

Essa calculada ousadia de Dr. Roberto Marinho fez brotar no Brasil uma nova dramaturgia, que encontrou seu ápice nos casos especiais e seriados. De mais a mais, as novelas, que chegaram a mais de cem países, deram enorme projeção ao Brasil.

Em visita oficial à China, representando o governo brasileiro, ouvi de professores e estudantes da Universidade Fudan comentários comovedores de nossa história que tomaram conhecimento através de novelas como *Escrava Isaura*.

Condenado ao êxito

Infenso ao solilóquio, Dr. Roberto sabia cultivar o diálogo, sempre presto para ouvir e somfítico no falar, pois se *"viver é a arte do encontro"*, como versejou Vinícius de Moraes, nenhum projeto coletivo de largo espectro dispensa a parceria entre empresa, sociedade e governo.

Intufra, também, que fazer o Brasil passageiro do cometa da globalização, ainda que assimétrica e insolidária, pressupunha posicionar suas empresas no exterior, e ocupar *nichos* para competir mundo afora e assim levar a nossa mensagem aos quatro sóis.

A percepção que hoje se tem do Brasil é quantitativamente maior e sobretudo qualitativamente superior à de trinta anos atrás, mormente no plano cultural, onde se revelam a criatividade e o talento de uma nação multiétnica, diversa na sua unidade e rica na multiplicidade de suas manifestações artísticas. Isso tanto é mais importante por entendermos que os valores se alojam no território da cultura e embora sejam permanentes não dispensam contínuo *aggiornamento*.

Participantes da virada de um milênio – e as datas inaugurais prestam-se a reflexões e até bizarros exercícios de futurologia –, experimentamos nos pródromos do século XXI o desconforto de uma grande aceleração histórica, a gerar interposição entre passado, presente e futuro.

Dr. Roberto Marinho não ficou com os olhos fixos no presente. Com as retinas do humanista anteviu a necessidade de colaborar na preservação da nossa memória, especialmente *"daquele passado que fica do que*

passou", como dizia Tristão de Athayde. De igual modo, usou o periscópio para, em mar revolto, enxergar o futuro.

Devo também registrar o seu engajamento no intercâmbio com todos os países da América Meridional, que se espera venha a institucionalizar-se através de uma comunidade sul-americana de nações.

Em obra autobiográfica, De Gaulle tece considerações a respeito de uma "*certa idéia da França*" que constituíra a razão de ser de sua vida. Transladando, o mesmo se poderia aplicar a Roberto Marinho. *Uma certa idéia do Brasil* também o afligia. A pátria, com suas virtudes e vicissitudes, era tema recorrente em seus pronunciamentos e conversas. Não seria exagero admitir ter consumido grande parte do tempo nessas inquietações, o que afiança sua sensibilidade para a política, entendida como caminho para converter os sonhos possíveis em realidades tangíveis.

Otto Lara Resende, vide *O Príncipe e o Sabiá*, conta que Guimarães Rosa sugeria aos amigos: "*não faça biscoitos, faça pirâmides*".

Preconizava o mestre de *Grande Sertão e Veredas* que o escritor devia concentrar-se, condensar-se, viver monacalmente para a sua grande obra, preparar-se longamente para ela e pôr-se ao trabalho sem hesitação ou fadiga. Roberto Marinho foi em toda sua existência um obstinado construtor de pirâmides.

Talento de empreendedor, perseverante e indene ao medo, consciente da imprescindibilidade de atingir metas colimadas, como afirmou Ortega y Gasset ao desenhar os traços biográficos de Mirabeau, "*parecia saber-se dotado de alicerces subterrâneos, de invisíveis raízes que sustentam o gigantesco organismo de um grande político*".

Prova-o haver levado ao ar a *TV Globo* aos 61 anos, já na denominada *terceira idade*, tendo para esse fim hipotecado todos os seus bens, incluindo aí a própria casa do Cosme Velho.

Criou a *Fundação Roberto Marinho* aos 78 anos e até então – pasmai! – participou de concursos hípicas, deles só se afastando após uma queda da qual lhe resultaram costelas quebradas.

Aos 87 anos, casou-se com D. Lily, a quem tão apaixonadamente amou.

No mesmo ano, depois de incorporar emissoras de rádio em todo o País, criou, iniciativa sem precedentes, a CBN (Central Brasileira de Notícias). Aos 90 anos inaugurou o *Projac* (Central Globo de Produção de Televisão) e aos 93, começou a construir o maior parque gráfico da América Latina, concluído em 1999.

Como mais uma demonstração de sua vitalidade e flama – permiti-me aditar breve testemunho: ao completar 90 anos, foi Roberto Marinho homenageado por amigos em jantar oferecido por D. Lily, filhos, noras e netos. O encontro se prolongou até alta madrugada. Ao saber que pretendia participar dia seguinte do lançamento de livro de Vargas Llosa, em São Paulo, ofereceu-me uma carona, em seu avião. No retorno ao Rio de Janeiro, próximo da meia-noite, após haver ficado obviamente insone o dia anterior pelos festejos do aniversário, convidou-me a ir à redação de *O Globo*.

Entrou pela oficina, não surpreendendo seus funcionários, o que pareceu senão uma rotina, ao menos algo freqüente, e entregou-me o exemplar da edição dominical que circularia horas depois. Restou-me, também a Anna Maria que acompanhava D. Lily, a convicção de

que sua nonagenária juventude subsistia na permanente capacidade de haurir do dever o prazer e de, após um dia de labor, regressar a casa confortado por haver oferecido sua cotidiana porção de trabalho para melhorar o País.

Homem público não por opção, mas por sentimento de brasilidade, não sei se Roberto Marinho desperta mais

Homem público não por opção, mas por sentimento de brasilidade, não sei se Roberto Marinho desperta mais admiração que simpatia. Porém ninguém recusa identificá-lo como uma celebridade nacional, cujos dedos colocados construtivamente nos aros da história desataram novos paradigmas e alargaram as fronteiras do processo de desenvolvimento sócio-político, econômico e cultural do País.

admiração que simpatia. Porém ninguém recusa identificá-lo como uma celebridade nacional, cujos dedos colocados construtivamente nos aros da história desataram novos paradigmas e alargaram as fronteiras do processo de desenvolvimento sócio-político, econômico e cultural do País.

Senhor Presidente,

A Roberto Marinho se pode aplicar a frase de Terêncio: "*nada*

do que é humano me é estranho". (*homo sum, humani nihíl a me alienum puto*).

Gostava de ler, ir ao cinema, teatro e ópera. Em entrevista a José Mário Pereira considerou que "*a literatura é o retrato de um povo, de uma nação*". Machado de Assis, dizia ele, tanto no romance, quanto na crônica, documenta a história do Brasil e do Rio de Janeiro. Lembrou que sua geração fora educada sob o signo da literatura francesa -

Balzac, Anatole France, Flaubert. Apreciava Dickens, de modo particular *As Aventuras do Sr. Pickwick*, livro para ele "*cheio de lances pitorescos e divertidos*", o que confirma possuir o romancista inglês, segundo seus biógrafos, poderes de hipnotizar leitores e ouvintes.

Deixou, além de rica biblioteca, mais de 600 telas, cuja coleção iniciou, ainda solteiro, constituída basicamente de artistas plásticos nacionais, inclusive do amigo Portinari, de quem freqüentava o ateliê. "*Gosto da Arte da Renascença, mas também admiro imensamente os modernos... Vejo muita criatividade na pintura brasileira de hoje*", afirmou.

Em depoimento no projeto *Memória*, da TV Globo, falou de suas preferências, especialmente na música erudita, e revelou satisfação de haver assistido a muitos concertos, mencionando óperas de Verdi, Rossini e Puccini, entre outras.

Esportista, lutou boxe na juventude e praticou, por quase toda a vida, o hipismo, além de participar de regatas, uma delas com Nelson Rodrigues, afora caça e mergulho submarinos.

Talássico, ensinou: "*foi o mar que me deu uma das ricas experiências de vida: a de saber enfrentar os desafios com a firmeza dos fortes e a serenidade dos sábios*", do que se deduz comportar-se de acordo com a parêmia latina: "*fortiter in re, suaviter in modo*" – firme nos objetivos, e suave no trato.

Exerceu, por essas razões, um papel mais saliente na vida nacional do que muitos próceres políticos e líderes da comunidade.

Otimista, exalava confiança e ao seu nome se associava a certeza do sucesso. Alias, "*condenado ao êxito*" era o título que escolhera para sua biografia, que não

chegou a escrever. Dr. Roberto, portanto, se identificava plenamente com a alma nacional: o nosso povo, apesar de tantos padecimentos que o estigmatizam, tem como traço positivo de seu caráter, algo singular no mundo: não se deixar dominar pelo sentimento de revolta ou abater-se pelo desânimo; não lhe falta humor, irreverente nunca grosseiro, e jamais destila o fel do pessimismo. Por conseguinte, seu nome não sairá da consciência coletiva de nossa gente, nem será encoberto pelas névoas do esquecimento.

"A morte – sentenciou Rui Barbosa – não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima".

O sentimento que se tem, após sua morte, é o de que, quanto mais longe do seu desaparecimento, mais cresce sua exuberante figura, ornada pela sua obra.

De Roberto Marinho se pode afirmar, repetindo Carlos Drummond de Andrade, in *Rosa do Povo (Resíduo)*:

"De tudo ficou um pouco

...

Ficou um pouco de luz".

Luz para fazer memória de sua vida e, ao mesmo tempo, sinalizar em fulgurante rota a continuidade de sua obra.

A seus filhos – Roberto Irineu, João Roberto e José Roberto –, que assumiram a missão, a um só tempo árdua e estimulante, sei que não faltará a nabuquiana *"provisão de sol interior"* para prosseguirem sua obra, sem pressa nem descanso, no pacto que tornaram público, em editorial em *O Globo*, dia seguinte a sua morte:

"...com ele aprendemos a lição mais importante: a obra de Roberto Marinho partiu de um ideal dele, mas só pôde ser concretizada porque foi o resultado de uma aliança entre

jornalistas, artistas, escritores, profissionais da cultura e o povo brasileiro. Não somente preservar, mas ampliar essa obra é o nosso compromisso. E ela será ampliada, não apenas porque este é o nosso desejo, mas porque pretendemos manter intacta esta aliança que a originou. Esta é a nossa intenção, esta é a nossa determinação, este é o nosso compromisso”.

Esta Casa pode gloriar-se, portanto, de haver admitido Roberto Marinho como um de seus preclaros confrades e, de modo particular, me vanglorio de sucedê-lo.

“Um sol a brilhar no infinito”

Senhor Presidente,

A Academia Brasileira de Letras, templo de preservação do idioma, promove o constante alevantamento da literatura nacional, zela pela memória de nossa cultura e, se conosco estivesse, nestes tempos de globalização, Machado de Assis estaria agora regando, na última flor do Lácio, as raízes da nossa latinidade.

Getúlio Vargas, ao ser admitido nesta Instituição, considerou-a *“uma espécie de judicatura mental do País, preparando uma atmosfera de interesse e de respeito pelas criações intelectuais, estimulando as vocações e facilitando-lhes o acesso às fontes de revigoração e renovação espiritual”*.

Aqui também já se rememorou, em outra oportunidade, haver Pellison, o primeiro historiador a ter assento na Academia Francesa, que nos serviu de inspiração, comparado seus membros a *“operários a trabalharem na exaltação da França”*.

Não tem sido outro o múnus deste Sodalício.

Tradição e criação – características de um povo –, esta a renovar aquela, marcam esta Academia, e aqui estou, consciente de que sem a participação de seus membros nada se construiria, mas também nada pervadiria o tempo sem a força da Instituição.

Mercê do idealismo de seus sucessivos dirigentes e integrantes, a ABL desenvolve inúmeras ações, algumas pouco conhecidas conquanto de enorme significação, na difusão do saber literário do País. Promove também o intercâmbio com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e povos de outras falas e culturas.

Agradeço haverdes designado o Acadêmico e Ministro Marcos Vilaça, amizade dos longes da minha infância abrasada com o selo da conterrânia, e a quem tanto admiro, para acolher-me nesta noite marcada pelo sotaque pernambucano.

Manifesto meu reconhecimento também aos conterrâneos que nesta Casa nos precederam, cujas memórias vivas agora recordo no *patrono* Maciel Monteiro (médico, jornalista, diplomata, político, orador e poeta) e nos *fundadores* Joaquim Nabuco (político, diplomata, orador, poeta e memorialista), Oliveira Lima (historiador,

escritor e diplomata), Medeiros e Albuquerque (jornalista, professor, político, contista, poeta, orador, romancista, teatrólogo, ensaísta e memorialista) e Silva Ramos (professor, filólogo e poeta), seguidos pelos acadêmicos Martins Jú-

A pátria começa no solo onde nasce. O humano é um animal telúrico e por mais universal que seja a vocação de cada um, é no arrocho do berço que buscamos inspiração para agir e força na adversidade.

nior (jornalista, advogado, jurista, político, professor e poeta), Sousa Bandeira (advogado, professor, ensaísta e diplomata), Artur Orlando (advogado, jornalista, político, jurista, crítico literário e ensaísta), Dantas Barreto (historiador, marechal-de-exército, jornalista, romancista e teatrólogo), Antônio Austregésilo (médico, professor e ensaísta), Ademar Tavares (advogado, professor, jurista, magistrado e poeta), Olegário Mariano (poeta, político e diplomata), Celso Vieira (biógrafo, ensaísta e historiador), Múcio Leão (jornalista, poeta, contista, crítico, romancista, ensaísta e orador), Barbosa Lima Sobrinho (advogado,

jornalista, ensaísta, historiador, professor e político), Manuel Bandeira (professor, poeta, cronista, crítico e historiador literário), Antônio Carneiro Leão (educador, professor, administrador e ensaísta), Álvaro Lins (professor, jornalista, crítico literário, ensaísta e diplomata), João Cabral de Melo Neto (poeta, escritor e diplomata), Mauro Mota (jornalista, professor, poeta, cronista, ensaísta e memorialista), que ao longo da história contribuíram, como hoje o fazem Marcos Vilaça (advogado, professor, escritor, ensaísta e Ministro do Tribunal de Contas da União) e Evanildo Cavalcante Bechara (escritor, professor e filólogo), todos no evoluir da história aureolando esta Casa.

Menção especial ao caruaruense Austregésilo de Athayde, jornalista, professor, orador, cronista e Delegado do Brasil à Assembléia Geral das Nações Unidas, realizada na França em 1948, que aprovou a *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, para a qual colaborou. A ele o reconhecimento pelo longo e sobretudo fecundo exercício na Presidência desta Casa, que serve de inspiração a seus pósteros.

Senhor Presidente,

A pátria começa no solo onde se nasce. O humano é um animal telúrico e por mais universal que seja a vocação de cada um, é no arrocho do berço que buscamos inspiração para agir e força na adversidade.

Perpassado de emoção – glória que jamais teriam sonhado os mais elevados devaneios de infância –, aqui estou num dos momentos mais fascinantes de minha vida, envergando o fardão, ostentando o colar e empunhando a espada. Mas não sem saudade, saudades muitas. De minha mãe, Carmen Sylvia, sempre presente na memória

e no coração, e de quem recebi total afeto e permanente estímulo. Dos idos no velho casarão do Colégio Nóbrega, onde menino comentava as vitórias do meu Santa Cruz, sob os apartes dos torcedores do Náutico e do Esporte; onde os jesuítas inculcaram, juntamente com meus pais, formação intelectual e sólida fé cristã.

Saudades dos tempos dos bancos universitários da tradicional Faculdade de Direito, a *Casa de Tobias Barreto*, o fundador da *Escola do Recife* e especialmente da minha turma de 1963, cujo Patrono, o Papa João XXIII, na encíclica *Pacem in terris*, afirmou: "*A paz será uma palavra vazia de sentido se não se fundar na ordem: ordem fundada na verdade, constituída na justiça, alimentada e consumada na caridade, realizada sob os auspícios da liberdade*". Ao lado dos estudos, recordo toda uma geração dos tempos da política estudantil no Diretório Acadêmico, no DCE da Universidade Federal, na UEP e, em menor escala, na UNE.

Depois de breve exercício do magistério, a vida pública, mais pública do que vida, à qual me consagrei integralmente, como a um sacerdócio.

A política sem o desconfiar, o meu endereçamento futuro, era o ar que respirava em casa, haurindo lições probas e lúcidas de meu pai, José do Rego Maciel, das quais ainda venturoso desfruto.

Alegro-me parafrasear Norberto Bobbio: considero-me um homem de sorte. Sorte pela família na qual nasci. Sorte pela família que Anna Maria e eu construímos, mais méritos de minha mulher do que meus. Sorte pelos professores que tive, pelos amigos que tenho e também por ter nascido no Recife, tesouro dos meus sonhos. Sorte por esses anos aos quais chego, limado pelo tempo, mas

plenamente motivado para exercitar a convivibilidade acadêmica.

Por fim aprendi que não se pode – porque não se deve – refugir ao destino.

Fata viam invenient – o destino encontrará seu caminho –, dizia Virgílio em sua *Eneida*. Não se trata de fatalismo ateu, nem politeísmo, pois esclareceu Santo Agostinho, em *De Civitate Dei*, que o destino coincide substancialmente com a vontade do próprio Deus.

Espero, finalmente, nesta Casa continuar honrando as tradições de Pernambuco, que irrigou com o sangue de heróis e mártires as virtudes cívicas de nossa gente. Tenho, por isso, orgulho de ser parte desta herança que legamos ao Brasil e a ela tenho buscado ser fiel, pois, para mim, como reza o hino de nosso Estado, Pernambuco é *“um sol a brilhar no infinito”*.



**Discurso de recepção ao
acadêmico Marco Maciel
pelo acadêmico Marcos Vilaça**

Eis uma pessoa quase sobrenatural... não podia defini-lo melhor já que se move e fala constantemente. É monstruosamente alto e magro... um ar cavaleiresco de D Quixote, qualquer coisa de apostólico... sempre transbordante de vida e sempre a contar histórias interessantes..."

Dá para pensar ser um desenho de Marco Maciel, mas não é. Trata-se de Bernard Shaw, visto por Bertold Brecht.

Depois de Brecht, Mario Vargas Llosa principia A guerra do fim do mundo, a saga de Canudos, com esta frase: "O homem era alto e tão magro que parecia sempre de perfil".

Não parece Marco Maciel?

É que Marco Maciel é magro como relíquia de sacrário. Magro e alto.

O novo acadêmico chega à Academia Brasileira de Letras, alto e magro, mas não de perfil. Entra de frente, sob o pátio de valores fundamentais à convivência em nossa Casa: brasilidade, serviços à Cultura, produção intelectual, honradez irretocável, grande vida de político.

Ressalto, desde logo, a sua vertente de político, recordando Carnelutti, uma das leituras indispensáveis dos nossos tempos da Faculdade de Direito, que disse assim: "Admiro os políticos porque escolheram como profissão conviver com gente".

Não causaria nenhum mal se este fosse o seu único título. Aqui, nunca deixamos de ter a grande cota de políticos. Todos, como no seu caso, de densa vida dedicada às Letras.

A Política é a sua vocação. Jorge Semprun conta que na admissão aos horrores de Bunchenwald indagava-se

da profissão, mas profissão no sentido burocrático de produzir algo material para o campo de concentração. Quando disse: "Sou filósofo", a reação foi braba. Isto não é profissão, rebateu a voz de censura. Retrucou Semprun: "Pode não ser profissão, mas é vocação".

No caso de Marco Maciel poderia proclamar em nosso pórtico compromissos com a vida pública como a sua grande vocação. Seria bem aceito. A Academia não é política mas não é apolítica, nem politófoba. Esta instituição estaria desinteressada dela própria se estivesse desinteressada do destino da Pátria. A Academia é um espaço de liberdade e convívio. E de solidariedade. Tanto que, passada a eleição, queimadas as cédulas, todos se proclamam eleitos por unanimidade. É da tradição. Dizemo-lo alto e bom som.

Aqui, só se fala baixinho quando a gente escreve. Af sim, a gente fala baixinho.

Como a modéstia é título que lhe cai muito bem, sintase confortável. Deste ambão não toleramos exibicionismos mas estimamos testemunhos de humildade, naquela mesma moldura doutrinada na Sétima Regra de S. Bento, que ouvimos dos monges, nos serros libertários da nossa Olinda, Olindíssima.

Se há cidades orais, Lisboa, do fado; Buenos Aires, do tango; o Rio, do samba; o Recife e Olinda são do frevo. Ao lado dessas oralidades musicais, nós sempre ouvimos ali a oralidade cívica das idéias libertárias.

Senhoras,

Senhores:

Grande entre nós, ninguém. Grande é a Academia.

Gosto de contar e vou contar novamente.

Quando esse suave e convergente homem público, esse poeta que parece vem sendo superado pelo romancista e pelo

cronista, nosso José Sarney foi eleito para a Academia, teve o cuidado, neto carinhoso, de avisar ao avô, lá nas lonjuras maranhenses. O velho chamou o fogueteiro e deu-lhe ordem: solte uma dúzia de rojões. Juntou gente à porta, naquela ruazinha da cidade de Pinheiro, a indagar:

“Seu Assuero, que comemoração é essa?”

E ele:

“Meu neto José foi eleito para a Academia”.

E todo mundo:

“O que é que é Academia?”

Assuero ensinou:

“Não sei. Só sei que é coisa grande.”

Está explicado. Só a Academia é grande.

Reconheço no confrade hoje empossado o apetite preferencial pela ação pública, até mesmo porque do outro apetite não há nada a se registrar.

Esta não é uma gloriola. Procede alardear-lhe vitórias, tenacidade, noites indormidas, auxiliares exaustos e desnutridos, modernidade no jeito de administrar, propostas bem maturadas. Tudo misturado adequadamente.

Bergson lembra que o intelectual na política realiza-se em homem completo, aliando o pensamento à ação e Max Weber, como o próprio Marco Maciel acabou de lembrar, arremata que a Política exige paixão, senso de responsabilidade e senso de proporção. Bergson e Weber sobram em Marco Maciel.

O novo acadêmico chega à Academia Brasileira de Letras, alto e magro, mas não de perfil. Entra de frente, sob o pátio de valores fundamentais à convivência em nossa Casa: brasilidade, serviços à Cultura, produção intelectual, honradez irretocável, grande vida de político.

A leitura dos discursos, conferências e livros que nos oferece mostra a sua superfície e o seu símbolo, a ética.

Marco Aurélio de Alcântara, há poucos dias, aplicava-lhe, com propriedade, o conceito do ensaísta português Luís Bliroco, constante de livro recentíssimo: "Política não se faz sem pessoas, mas as pessoas de nada valem em Política se não se batem por idéias".

Com isto não quero dizer que Marco Maciel descarte o pragmático. Isto, nunca.

São clássicos dois bordões das suas conversas: "Quem tem prazo não tem pressa"; "Fique atento, pode acontecer tudo, inclusive nada".

Com tiradas desse tipo o novo acadêmico alinha-se a Machado de Assis. O Bruxo sentenciou: O imprevisto é espécie de Deus avulso que pode ser voto decisivo na assembléia dos acontecimentos.

Luís Otavio Cavalcanti observa do modo perdulário com que Marco Maciel gasta silêncio, sem deixar de ser um crente na alquimia da conversa. Integra, entre os pernambucanos, a cota dos moderados na política, porque também temos os de pavio curto. Ou mesmo, sem pavio.

Ele é como que a versão moderna do Marquês de Olinda, para quem Câmara Cascudo reservava essa observação: "Araújo Lima não acelera, não retrograda mas também não pára". Por isso, o estilo de Marco Maciel não tem nada de *Opus Dei* e tudo de "*opus by day and by night*".

Por outro lado, a tradição pernambucana é a dos intelectuais engajados na política, de que Nabuco é o exemplo básico. Como Nabuco, Marco Maciel chega à Academia sem trazer da Política nenhuma decepção, nenhum amargor, nenhum ressentimento.

K. Mehnert, numa verdadeira contramão, argumenta que o intelectual nunca deveria meter-se em política, já que lhe faltam senso de oportunidade e capacidade de tomar decisões.

Bobbio diz diferente: "Na medida em que se faz político, o intelectual trai a cultura; na medida em que se recusa a fazer-se político, inutiliza-a. Ou traidor ou inutilizador."

Gustavo Krause apreendeu muito bem o pensamento de Bobbio de superação do dilema, pois o que há nisto é distinção e integração recíproca, portadora de uma força não-política, uma força moral, sobre a qual repousa a missão política do homem de cultura.

O intelectual é espectador ativo da cena cultural, conseqüentemente, apto a perceber que o ato público abrange raio muito mais amplo do que o ato meramente intelectual.

A convivência da política com a atividade do intelectual espande nesta Casa. Machado de Assis afirmou: "Na Academia (a política) é o sentimento mais ativo de todos e a ABL, graças ao seu quociente de mortos, jamais foi uma academia morta. Os abençoados mortos deram-lhe a mais preciosa das vidas – a vida eleitoral".

A política concedeu a Marco Maciel, assim como a muitos dos nossos confrades, a boa oportunidade de ouvir o povo, conhecer-lhe as agruras, acumular experiências. Esse cabedal apresenta-se nos seus textos onde o político não apenas reclama direitos, mas assume responsabilidades.

Ao se sentar neste cadeiral José Sarney perguntou:

"A ação política não é, em grande parte, tanto a que se diz e a que se cala, como a que se ouve e a que se

guarda; a que se imagina ter sido silenciada como principalmente a que se cumpre?"

Foi muito bom que Marco Maciel buscasse a nossa companhia. Era natural que o escritor, o professor universitário, o conferencista, o pensador, conhecesse saudações de chegada em mais uma academia, pois já as ouviu ao ser introduzido na Academia Pernambucana de Letras. Naquela ocasião, escutou de um confrade este prognóstico: "Foi natural que integre a Academia, a Pernambucana. Isto, por enquanto." Pois bem, o "por enquanto" acabou. Marco Maciel chegou à Academia Brasileira.

Educação e Cultura

Muito aprecio a postura que tomou, em particular ao tempo de Ministro da Educação, na defesa da idéia de interar educação e cultura. São palavras suas:

"A educação é uma verdadeira interiorização da razão. Nela se conjugam admiravelmente os valores da tradição e do progresso, visto que por ser capaz de receber a herança dos seus antepassados, de compreendê-la e assimilá-la, é que o homem se capacita a melhorá-la e desenvolvê-la". E mais adiante, no mesmo livro Educação e liberalismo, endossa a visão da cultura não apenas como conceito amplo, mas de abrangência, onde consideram-se tanto os bens móveis e imóveis plenos de valor histórico e artístico, quanto os bens de produção cultural. Desde então torna-se possível partir para uma política de desenvolvimento do fazer cultural de uma gente.

Na Humanidade cabe a cada um o dever de transmitir aos vindouros aquilo que recebeu dos antepassados – e aperfeiçoá-lo. É o tempo trúbio.

Marco Maciel acredita na cultura como fonte de criatividade, dinamizadora da sociedade moderna, reordenadora dessa sociedade no sentido, inclusive da superação de crises. É o passado funcionando como ponto de referência e não como algo a ser repetido.

O futuro, creio, fica desdobrado em três momentos: o futuro passado, aquele que, imaginado, não aconteceu; o futuro presente, o que hoje vem sendo concebido para o amanhã; o futuro futuro, aquele que ainda não formatamos. Para enfrentar esse futuro uma senda está

aberta; se não a seguirmos ninguém esperará por este “país do futuro”: a senda do conhecimento.

Esse conhecimento é a educação galgada degrau por degrau. Exames de admissão, cursos, aprovação, medindo conhecimento. Pode ser atingido, como atualmente é proposto, também com o auxílio de discriminação positiva, passo na luta pelos direitos universais de cidadania. No entanto, como adverte Ralf Dahrendorf, sem que se torne um princípio permanente, a fim de escapar de três dúvidas.

A primeira: não haverá risco de uma espécie de injustiça invertida pela qual os tradicionalmente privilegiados se tornem os novos subprivilegiados?

A segunda: será a representação igualitária a todos os níveis realmente aquilo que todos os grupos querem ou precisam?

A última dúvida: a discriminação positiva, em alguns casos, não estaria a produzir um novo tipo de segmentação rígida que destrói a própria sociedade civil que pretende criar?

Octavio Ianni, logo quem, em entrevista já hoje clássica ao nosso confrade Alfredo Bosi, foi categórico ao dizer: “Em vez de enfrentarmos o problema na raiz – melhorando as condições sociais de brancos e negros de diferentes níveis sociais – se estabelece a cota.”

Bem, eis aí um tema para reflexão e futura avaliação do novo acadêmico, no âmbito da Educação, uma das suas maiores dedicações.

Senhoras,

Senhores:

Nas academias, é lição de Alceu de Amoroso Lima, são de duas ordens as funções – de tradição, de manutenção do que ficou de bom e merece preservação; e de criação, de renovação da cultura.

O Brasil precisa investir na Cultura e carece dos que se dediquem a ela.

Para tanto a Academia conta com a sua participação. Não lhe faltam as qualificações e não foram escassos os sofrimentos em desafios superados. Regue as nossas raízes. Carlos Castello Branco prefaciando-lhe Idéias liberais e a realidade brasileira louva sua compreensão de Cultura

integrada à Educação, que vem muito do que aprendemos em nossa terra.

Na Humanidade cabe a cada um o dever de transmitir aos vindouros aquilo que recebeu dos antepassados - e aperfeiçoá-lo. É o tempo trívio. Marco Maciel acredita na cultura como fonte de criatividade, dinamizadora da sociedade moderna, reordenadora dessa sociedade no sentido, inclusive da superação de crises. É o passado funcionando como ponto de referência e não como algo a ser repetido.

Quem nasce em Pernambuco, nasce no meio da história brasileira. A nossa pernambucanidade tem espírito de província, sem provincianismo e sem melancolias. Resulta da assimilação cultural que só nos faz levar à coexistência. E a História tanto avança pelo movimento dos vivos como acontece sobre o pó dos

mortos.

Já disse a prócer da República que veio ironizar a suposta mania de grandeza dos pernambucanos, ao repetir aqueles refrões de "Pernambuco falando para o mundo", "O Capibaribe e o Beberibe se juntam para formar o oceano Atlântico", de que não temos a tal "mania de grandeza". É um equívoco. O que temos é grandeza mesmo.

Os pedágios que a vida pública nos obriga a pagar, o caso de Frei Caneca é um deles, pagamo-los, como gosta de falar Josué Montello, deixando pelo caminho pedaços de indulgência.

Aconteceu-nos o exílio do estômago, somos pobres, mas não nos toca o desterro do espírito.

Marco Maciel, em coerência, vem expressando essas idéias uniformemente, desde os tempos, bons tempos, de aluno dos jesuítas no Colégio Nóbrega. Continuou na Faculdade de Direito, nas associações estudantis de âmbito estadual e federal, no cargo de Secretário de Estado, na Assembléia Legislativa, na bancada e na Presidência da Câmara dos Deputados, nos Ministérios da Educação e da Casa Civil, no Senado Federal, no Governo do Estado, na Vice-Presidência da República, nas organizações internacionais em representação do Brasil, nas campanhas políticas, em múltiplas tribunas, na cátedra de Direito Internacional Público.

É um coerente. É um discreto mas sem o pecado da omissão. E tenham certeza de que continua a espionar o que ainda lhe reserva o tempo, sem pressa e sem descanso.

Marco Maciel é teimoso. Não parece, mas é. Só que a sua teimosia é de utilidade pública.

Uma das coerências da obra escrita de Marco Maciel é o reconhecimento ao que aprendeu em Gilberto Freyre. É raro texto seu em que não haja pinçado uma lição gilbertiana.

Por isso, incomoda-nos tanto, a ele e a mim – no meio século de amizade que a cada dia fortalecemos, nos modos diferentes de como somos em tanta coisa – certas críticas feitas a Freyre de modo nada feliz.

Eduardo Portella, nosso confrade, mestre, mestris-simo, a esse propósito escreveu recentemente com a precisão que lhe é tão própria, o seguinte:

“As operações hermenêuticas (de Gilberto Freyre) puderam contar com o aval e o apoio do escritor, do imaginoso da linguagem. A prosa, a vida, calorosa, colorida, oxigenavam o seu desconcertante conjunto interpretativo. A ociosa separação entre o escritor e o pensador sofreu aqui os seus primeiros abalos. Na verdade ela sempre decorreu de uma insuficiência crítica – a que consiste em retirar o pensamento da linguagem, ignorando a sua parceria constitutiva”.

E segue:

“Já é hora de retirar as interpretações de Freyre, pensador ostensivamente relacional, das velhas e cansadas dicotomias... o forte de Gilberto Freyre são as correlações, as trocas não apenas materiais porém imateriais, as infiltrações e os intercâmbios simbólicos, as jornadas do desejo, todas essas instâncias da alteridade que permaneciam escondidas ou emudecidas. Ou antes de tudo permaneciam proibidas pela moral prescritiva e inabilitadas pela nossa ciência social monodisciplinar... Gilberto contribuiu para desmitificar as crenças epistemológicas das ciências sociais monodisciplinares. O que acontece é que elas jamais foram capazes de acompanhar a pluralidade das diferentes intervenções. Se Freyre fosse um sociólogo puro e duro jamais teria dado conta da diversidade brasileira, porque o sociologismo acadêmico tem se distinguido por irresistível inapetência diante do outro, do não idêntico”.

Ideário macelista

De todos os seus textos editados e ofertados à leitura da nossa gente, em Democracia e brasilidade, encontro o melhor cariz do seu ideário.

Do plano democrático, guardo expressivas sentenças:

“Não podemos pensar em democracia se não tivermos uma sociedade partícipe. Não podemos ter uma sociedade de excluídos. Dar o voto ao analfabeto é importante, mas não lhe assegura o direito à cidadania”.

Ou,

“...a atividade política é uma atividade dialógica, é uma atividade que pressupõe a discussão para que cheguemos à solução dos problemas”.

E, ainda:

Não seremos uma Nação justa, equilibrada e solidária, enquanto o direito à vida, à educação, à saúde, ao trabalho e à cultura não forem assegurados a todos os brasileiros”.

Como que, para exemplificar o comportamento a adotar em nosso Plenário:

“Devo também dizer que sempre tive presente – isso para mim é uma regra de conduta – que conviver não é concordar. Podemos e devemos conviver bem sem que isso signifique necessariamente concordâncias”.

Do seu sentimento do arrocho pernambucano, sem queda da expressão da brasilidade:

“O sacrifício supremo de Frei Caneca há de estar sempre presente na consciência nacional, como exemplo da dedicação pernambucana à causa da nacionalidade e das idéias liberais”.

Ou esta outra declaração:

“...perguntaram a Carlos Drummond: Por que você não volta a Itabira? Ele disse: porque nunca saí de lá. Com isso, Drummond queria dizer que tinha dentro dele uma alma telúrica; que estava preso à sua terra, à sua gente.”

É difícil selecionar as sentenças no plano geral da Política, mas não evito reproduzir algumas.

“O Liberalismo que defendo é o Liberalismo social, que nada tem a ver como estilo de vida com o *laissez-faire, laissez-passer*”.

E prossegue:

Das valiosas e numerosas publicações sobre a questão educacional, observo o prazer intelectual com que parece resumir tudo o que ansiou doutrinar e fazer, nesta constante citação de H. G. Wells: “A civilização é uma corrida entre a educação e a catástrofe”.

“Não prego o Estado mínimo, nem acredito que a “mão invisível do mercado” seja capaz de regular com eficiência os conflitos sociais. Acredito, como Popper, que o importante em Política não é saber quem deve governar, mas sim que parcelas de nossa liberdade devemos ceder no governo. Liberalismo

é humanismo, anterior a qualquer ideologia”.

Ou essa confissão do modo de idealizar e agir:

“Deve o político – como aprendi com o Padre Le Bret – procurar andar mais depressa que os acontecimentos, ver com antecipação a realidade e agir prontamente sobre a causa dos problemas”.

Das valiosas e numerosas publicações sobre a questão educacional, observo o prazer intelectual com que parece resumir tudo o que ansiou doutrinar e fazer, nesta constante citação de H. G. Wells:

“A civilização é uma corrida entre a educação e a catástrofe.”

Mais duas assertivas, estas, reveladoras da fé e do espírito de família. A primeira:

“Repito com Isaias, todo ser humano é como erva, e toda a sua glória como flor do campo. A erva seca, a flor fenece e somente a palavra de Deus permanece”.

A segunda:

“...meu pai, para mim é modelo de homem público e de quem aprendi, desde muito cedo, lições do civismo”.

Jornalismo

A cadeira que lhe confiamos, Acadêmico Marco Maciel, tem um forte acento jornalístico, como bem ressaltou no seu discurso. Dá chances para revelar companheirismo com o brasileiro singular a quem sucede.

Roberto Marinho, muito moço, tornou-se homem de jornal. Marco Maciel, a mesma coisa. Com graduação, é muito óbvio, diferente, contudo igual na percepção do papel enlaçador do jornalismo, sob o ponto de vista econômico, social e cultural. Enquanto um assumiu O GLOBO, o outro, aos 14 anos, em abril de 55, faz quase 50 anos, colaborava em O TIC TAC, com circulação entre colegas, no entorno da rua Afonso Pena, onde morava. Lema do jornalzinho, datilografado e rodado em mimeógrafo: "O jornal que não diz o que pensa porque não pensa o que diz".

À moda Roberto Marinho, chega à direção. Foi eleito Presidente. Obteve 14 votos e o adversário, Adilson Codeceira, 13. A primeira eleição, a única delas, difícil. Muda o lema do jornal para: "O jornal que diz o que pensa porque pensa o que diz". Muito próprio dele. Como Roberto Marinho, torna clara a orientação do jornal, agrega ilustrações e *charges*, proíbe personalismo no noticiário, sobretudo porque o leitor percebeu que o nome do novo Presidente não consta mais nos anúncios do curso de halterofilismo. Como acabou de fazer Marco Maciel, lembro que Roberto Marinho não foi só do hipismo. Também foi boxeador.

O TIC TAC disputa leitores com jornais de bairros recifenses: PATACO-TACO, ZIZ-ZAG, RAI0 e outros mais.

Adiante, outro jornal é cria sua, A VOZ DO GRÊMIO, dos alunos do Colégio Nóbrega, com estatuto, política de comunicação a cumprir, eleição de diretoria, tudo aquilo tanto do seu gosto.

Mais à frente, dirige revistas acadêmicas e de partidos políticos.

Nos dias de hoje seu comparecimento de articulista nos grandes jornais do país tem freqüência, tem leitor, tem respeitabilidade e se afina com uma certa coincidência nos mais recentes ocupantes da Cadeira 39. Digo coincidência, pois exclusivismos do tipo naturalidade, profissão predominante, não existem na seleção de nossos pares. Seria impropriedade alegação dessa natureza.

Aqui não há capitânias hereditárias.

Aqui não há Cadeira de jornalista, de teatrólogo, de gaúcho, de baiano, de sacerdote, de parente, de militar, como observa em seu discurso o novo confrade.

Há Cadeiras para intelectuais mercedores, desejosos da convivência, sabedores de que quem importa é a Academia e não o transitório passageiro das glórias de Machado. Eu, e falo exclusivamente por mim, também não me apetece ter na confraria gente complicada, anticonvivial, arestosa.

Quando voto, seleciono num vestibular para as letras e noutro para a convivência. Não há distrato no contrato entre "imortais".

O seu caso, Acadêmico Marco Maciel, é do acadêmicoista inteiramente academiável, como Roberto Marinho, por quem todos na casa tinham respeito e admiração.

Pessoalmente, nunca achei jeito de, entre todos os confrades, tratar a dois deles, a não ser por doutor. Doutor Barbosa Lima e Doutor Roberto.

Muito já se disse daquele nosso confrade e o seu elogio

máximo acabamos de ouvir. Mas não sonego o desejo de dar-lhe o meu juízo, apenas em duas de suas tantas vertentes.

Roberto Marinho não confundiu arte e educação com entretenimento. Distinguia-os. Roberto Marinho reagiu às censuras. Não aceitou espartilho econômico imposto às manifestações artísticas, a partir do comando pessoal para que se respeitassem as identidades culturais e se promovesse a interação educação e cultura.

Nos dias de hoje seu grande comparecimento de articulista nos grandes jornais do país tem frequência, tem leitor, tem respeitabilidade e se afina com uma certa coincidência nos mais recentes ocupantes da Cadeira 39. Digo coincidência, pois exclusivismos do tipo naturalidade, profissão predominante, não existem na seleção de nossos pares.

Roberto Marinho sabia que a integridade humana também depende da imaginação, da criação, do espetáculo das emoções, do espetáculo da vida.

Roberto Marinho tinha a percepção de que a gente não pode ver sozinho. Certo dia, fui ao seu gabinete. Queria porque queria ele que Paraty entrasse na lista dos bens reconhecidos pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade. O processo dependia de passar por mim, Secretário Federal da Cultura. Na oportunidade, não havia condições técnicas. Fui lá dar-lhe um drible de corpo. Coisa difícil. Creiam, consegui. E ainda não éramos confrades, nem amigos, simples conhecidos.

Começou, como fazia com os visitantes, a mostrar, da grande janela envidraçada do escritório no Jardim Botânico, uma das mais espetaculares vista deste nosso tão espetacular Rio de Janeiro.

Lembrei-me do poeta uruguaio que chegando ao Rio, foi ao Corcovado num finalzinho de tarde. O sol descendo, as luzes começando a acender lá por baixo, pelas praias, ruas, morros, casinhas, edifícios e mansões. Encantou-se. Ao lado, uma criança. Chamou a brasileira e lhe disse:

– Venha ver comigo. Ajude os meus olhos. Eles precisam ver isto. Sozinhos, é impossível. É a beleza.

Roberto Marinho gostou do que ouviu. Disse, cerimonioso e categórico:

– Doutor Marcos, vou reunir os filhos, para juntos vermos o Rio. É verdade. É preciso juntar as retinas.

Roberto Marinho valorizava o ver junto. Queria os olhos dos filhos para ajudá-lo a ver, aqueles filhos que o ajudaram, aprenderam com ele e hoje, de forma salutar e competente, fazem por ele, em nome dele.

Outra coisa: os amigos mais próximos habituaram-se, nas reuniões sociais, nos encontros históricos e de bom gosto no Cosme Velho, entre uma conversa e outra, ouvi-lo a repetir o bordão do coração:

“Cadê Lily?”

O Cadê Lily era a voz interior, ostensivamente de bem-querer, de partilha, de segurança, de opção feita em diversos tempos e numa só e definitiva consagração.

Dona Lily precisava estar perto, a fim de ajudá-lo a escutar. Pareceu-me a cena em que Shakespeare põe Marco Antônio, com César aos braços, bradando no discurso estupendo:

“Amigos, romanos, emprestem-me os seus ouvidos”.

Dona Lily, Roberto Irineu, João Roberto e José Roberto continuam ouvindo e vendo por Roberto Marinho.

Acadêmico Marco Maciel:

Homem de fé

Já se foi o tempo em que a folhagem do arvoredado da rua Afonso Pena e as mangueiras do pátio do Colégio Nóbrega abanavam o tempo, que fluía macio para a nossa juventude.

Oscar Wilde garantia que a tragédia da velhice é que continuamos jovens. Sessentões, na descendente da parábola, já estamos nos longes da saudade. A sua expressão da saudade deve ter dado um jeito de estar aqui, acolitada por Gisela, Cristiana, João Maurício, seus genros, seus netos, ao comando de Anna Maria. A minha expressão de saudade também deve estar por aqui. Ele foi seu xará e muito seu amigo. Admirava-o.

Mia Couto, nosso confrade e grande escritor moçambicano, escreveu que um morto amado nunca pára de morrer. No meu coração há um gemido do inacabado. É a saudade do filho. O seu coração também geme. É a saudade da Dona Carmen.

Sorte nossa é que o frescor das emoções desta noite suplanta o nosso envelhecimento físico, convive com as saudades e nos lança ao desafio de roer o tempo, em atitude de paciência e persistência.

Nesta fase da vida, não podendo dar maus exemplos, damos conselhos.

Marco Maciel tem visível e praticante acento eclesiástico. Sua convicção religiosa é exemplar. A formação, uma apoteose cristocêntrica de serenidade e conhecimento. Apreciam-na de congregados marianos a incrêus.

Desconfio que se houvesse escolhido o sacerdócio, hoje o saudaria assim:

Dom Marco Antonio, Cardeal Maciel.

Imagino, só por provocação, o brilho nos Concílios, as articulações nos corredores do Vaticano, o contributo espiritual à redação das Encíclicas, a oportunidade do solidéu e a impossibilidade da tonsura, o séquito de mitríferos, baculíferos e turibulários, tudo encimado pelo exemplo das virtudes teológicas.

Mas foi bom que Deus o tenha destinado para ser pai de família, grande pai de família. Foi muito bom!

Em verdade, em verdade a todos digo que fascina a sua postura de católico. A sua Igreja é a da mão estendida, a do amor. Não posso, jamais, imaginá-lo em atitudes de intolerância, de má vontade, afastando fiéis, sem compreender sentimentos de jovens, desatento aos motivos dos mais velhos, marginalizando sonhos familiares de sadia construção, ignorante dos serviços prestados por membro da comunidade, encharcado de preconceitos, confundindo arte com lascívia, como certos mentecaptos que, trepados em autoridade eclesiástica, são contra museus de arte sacra, dizendo que lugar de imagem é nos altares.

A sua Igreja tem *éclat*. Não é a distorção da Igreja. Não atemoriza, não estimula diáspora, não escurece, não separa.

Cedo, Marco Maciel tornou-se notoriedade sem restrições. Tem dignidade exemplar, na sua modelagem de discrição e modéstia.

Mas como identificar o balizamento da conduta de Marco Maciel sem os pais, Dona Carmen e Doutor Maciel, e a mulher Anna Maria, a admirável Anna Maria?

Heine estava certo ao reconhecer que o escritor, em casa, precisa contar com o silêncio da companheira. O político também, digo eu. Não só do silêncio mas da palavra

que, não o quebrando, ajude na hora polêmica; que, não o violando, seja a confiança ante ameaça de tropeços.

E Anna Maria nunca faltou.

E o pai, o quase centenário e tão lúcido Doutor Maciel?

O filho mesmo pode explicar, como neste texto:

"E no seu exemplo (do pai), aprendi a identificá-la (a política) como uma síntese de desprendimento e coragem, conhecimento e ação, de ousadia e prudência, de inte-

ligência, discernimento e responsabilidade".

Já da Dona Carmen quero contar cena que mantenho na mente e que faz parte daquela conversa do coração de mãe, a desfibrar fibra por fibra.

Era época de vestibular para a Faculdade de Direito. Muita queima de pestana. Madrugadas de olho aberto. Alegrias adiadas. A casa repleta de colegas para estudos em grupo, desatentos à alimentação e concentrados nos livros.

Bernard Shaw dizia que só temos tempo bastante para pensar no futuro quando já não há futuro em que pensar. Então, cuidemos. Não consintamos que a oportunidade vá fluindo lentamente como o tempo dos meninos. Há que vigiar o amanhecer. É preciso buscar novas alvoradas. Poentes não têm intimidade com o futuro. Sonhemos. O sonho

é o olho do futuro.

Ele fugindo de Dona Carmen. Ela implora, sem sucesso, que tome, pelo menos, um copo de leite. Vencida, desabafa:

"Quando passar o vestibular, vou tomar conta da alimentação deste menino".

Ao que parece, o vestibular continua...

Acadêmico Marco Maciel:

O Brasil confia, ainda que dessangrado, desposuído, nos seus filhos, nos seus líderes. Se já não temos heróis, pelo menos que nos protejam os líderes, no esforço de olhar para os humildes destinos dos que deslizam em nosso derredor.

Bernard Shaw dizia que só temos tempo bastante para pensar no futuro quando já não há futuro em que pensar.

Então, cuidemos. Não consintamos que a oportunidade vá fluindo lentamente como o tempo dos meninos. Há que vigiar o amanhecer. É preciso buscar novas alvoradas. Poentes não têm intimidade com o futuro. Sonhemos. O sonho é o olho do futuro.

Senhor Presidente,

Confrades,

Família Maciel,

Família Marinho,

Senhoras, Senhores,

Dileto confrade Marco Maciel:

Vida que segue.

Para Vinícius de Moraes, em pessimismo:

"Tem dias que eu fico

Pensando na vida

E sinceramente não vejo saída

Pois é: a vida tem sempre razão

Pois é: a vida é que está com razão".

Para João Cabral, igualmente lúcido:

"Sei que traçar no papel

é mais fácil que na vida

Sei que o mundo jamais é

página pura e passiva
O mundo não é uma folha
de papel, receptiva
Mas o sol me deu a idéia
de um mundo claro algum dia".
Já para Drummond, em conformismo:
"Êta vida besta, meu Deus".

Vou terminar. Mas só o faço juntando o futebol, que nos une e nos separa. Eu sou do Náutico. Ele, do Santa Cruz. Falamos de futebol todo o tempo e juntos gostamos de recordar, rindo do seu tom apaixonado, a frase excessiva de Albert Camus: "Tudo o que sei sobre a moral, o comportamento e as obrigações do homem, eu devo ao futebol".

Olavo, zagueiro do Olaria, aqui do Rio de Janeiro, na década de 60, ainda que de um time perdedor, só enxergava otimismo. É dele a frase:

"Tudo fazeremo pela vitória".

Eu, me segurando nos amigos de mim, sugiro ao acadêmico Marco Maciel: siga o Olavo.

As fotos utilizadas nesta publicação foram cedidas pela Academia Brasileira de Letras e pela Dezembro Editorial.

Impresso pela Recife Gráfica Editora SA

